

antes de sermos vossos

lisa wingate

Tradução de Jorge Colaço

Para as centenas que desapareceram e para os milhares que não desapareceram. Que as vossas histórias não sejam esquecidas. Para os que ajudam os órfãos de hoje a encontrar um lar permanente. Que tenham sempre presente o valor do vosso trabalho e do vosso amor.

«Sabem que nesta terra de gente livre e valente há um grande mercado de bebés? E os valores que mudam de mãos... não são meros pedaços de papel gravados com a promessa de certos dividendos financeiros, mas sim bebés de carne e osso, vivos e a espernear.»

Do artigo «The baby market»,
The Saturday Evening Post, 1 de fevereiro de 1930

«Eles são, disse [Georgia Tann] repetidamente, ardósias em branco. Nascem sem mancha, e se os adotarmos em tenra idade e os rodearmos de beleza e cultura, transformar-se-ão em tudo o que desejarmos que eles sejam.»

Barbara Bisantz Raymond, *The Baby Thief*

Baltimore, Maryland

3 DE AGOSTO DE 1939

A minha história principia numa noite sufocante de agosto, num local onde nunca porei os olhos. O quarto apenas toma forma na minha imaginação. É grande na maior parte das vezes em que o invoco. As paredes são brancas e limpas, a roupa da cama é quebradiça como uma folha caída. Os aposentos têm tudo o que há de melhor. Lá fora, a brisa é cansativa, e as cigarras latejam nas árvores altas, os seus esconderijos verdejantes logo abaixo das molduras das janelas. Os estores oscilam para dentro enquanto a ventoinha do sótão trepida por cima, sulcando o ar húmido que não tem qualquer vontade de ser movido.

O odor da aragem dos pinheiros entra, e os gritos da mulher urgem quando as enfermeiras a prendem à cama. O suor acumula-se-lhe na pele e precipita-se-lhe pelo rosto, pelos braços e pelas pernas. Ficaria horrorizada se tivesse consciência disto.

Ela é bonita. Uma alma doce e frágil. Não do tipo que provocasse intencionalmente o desenrolar catastrófico que, neste momento, está apenas a começar. Nos meus muitos e variados anos de vida, aprendi que a maior parte das pessoas segue em frente o melhor que pode. Não tem intenção de ferir ninguém. É meramente um terrível subproduto da sobrevivência.

Tudo o que vier a passar-se depois daquela impiedosa estocada final não é culpa dela. Produz a derradeira coisa que poderia querer. A carne silenciosa

avança — uma rapariguinha de cabelos claros, bonita como uma boneca, porém azul e imóvel.

A mulher não tem forma de saber o destino da sua filha, ou, se realmente a tem, amanhã os medicamentos terão reduzido a memória disso a um borrão. A agitação cessa e ela rende-se a um sono crepuscular, embalada pelas doses de morfina e escopolamina administradas para a ajudarem a vencer a dor.

Para a ajudarem a libertar-se de tudo, e assim será.

Têm lugar conversas compassivas à medida que os médicos cosem e as enfermeiras limpam o que restou.

— É triste quando acontece deste modo. Tão fora de tempo, quando uma vida ainda nem sequer respirou o ar deste mundo.

— Temos de nos perguntar por vezes... porquê... quando uma criança é tão desejada...

Uma mortalha é desdobrada. Os pequeninos olhos são velados. Nunca verão.

Os ouvidos da mulher ouvem, mas não conseguem compreender. Tudo desliza e se esvai para longe. É como se ela tentasse apanhar a maré, e esta se escoasse por entre os seus dedos cerrados, e por fim flutuasse ao sabor dela.

Um homem espera ali perto, talvez ali mesmo no corredor, do outro lado da porta. Tem um porte majestoso, digno. Não está acostumado a sentir-se tão indefeso. Hoje era para se ter tornado avô.

Ao júbilo da antecipação sucedera uma dolorosa angústia.

— Lamento imenso — diz o médico ao deslizar para fora do quarto. — Fique tranquilo quanto a ter sido feito o que era humanamente possível para facilitar os trabalhos da sua filha e salvar o bebé. Compreendo quanto isto é difícil. Transmita as nossas condolências ao pai da criança, quando finalmente conseguir entrar em contacto com ele, no exterior. Após tantas desilusões, a sua família deve ter alimentado uma grande esperança.

— Ela poderá vir a ter mais?

— Não é aconselhável.

— Isso será o seu fim. Bem como da sua mãe, assim que souber. Christine é a nossa única filha, como sabe. Um rumor de pés pequeninos... o início de uma nova geração...

— Compreendo.

— O que arrisca ela se por acaso...

— A vida. E é extremamente improvável que a sua filha alguma vez leve outra gravidez até ao fim. Se ela o tentasse, os resultados poderiam ser...

— Estou a ver.

O médico pousa uma mão reconfortante no homem de coração partido, ou é isso que acontece na minha imaginação. Os olhares de ambos cruzam-se. O médico olha por cima do ombro para se assegurar de que as enfermeiras não conseguem ouvir.

— Posso sugerir uma coisa? — diz ele baixinho, com gravidade. — Sei de uma mulher em Memphis...

Avery Stafford

AIKEN, CAROLINA DO SUL, TEMPO PRESENTE

Respiro fundo, escorrego para a beira do assento e endireito o casaco enquanto a limusina para no asfalto a ferver. Carrinhas da imprensa esperam ao longo da curva, acentuando a importância do encontro, aparentemente inócuo, desta manhã.

Mas nem um único momento deste dia acontecerá por acaso. Naqueles últimos dois meses na Carolina do Sul não se pensou em mais nada senão em assegurar que os matizes se ajustavam — moldando as inferências de modo a *sugerir*, mas não mais do que isso.

Nada de declarações definitivas.

Pelo menos por enquanto.

Nem durante muito tempo, se depender de mim.

Quem dera que conseguisse esquecer a razão de ter vindo a casa, mas até o facto de o meu pai não estar a ler as suas anotações ou a verificar o relatório de Leslie, a sua hipereficiente secretária de imprensa, é um indesmentível lembrete. Não há forma de escapar ao inimigo que viaja silenciosamente connosco no carro. Está ali no banco de trás, escondendo-se atrás do bem talhado fato cinzento que pende, um pouco solto demais, dos ombros largos do meu pai. Ele olha fixamente pela janela, de cabeça inclinada para um lado. Desterrou os seus ajudantes e Leslie para outro carro.

— Sente-se bem?

Estendo a mão para sacudir um longo cabelo louro — meu — do banco

para que não fique agarrado às suas calças quando sair. Se a minha mãe aqui estivesse, teria sacado de uma pequena escova de algodão, mas está em casa a preparar o nosso segundo acontecimento do dia — uma fotografia natalícia de família que deveria ter sido tirada meses antes... para o caso de o prognóstico do pai piorar.

Ele endireita-se um pouco, ergue a cabeça. A estática faz o seu espesso cabelo cinzento espetar-se para cima. Quero alisar-lho, mas não o faço. Seria uma quebra de protocolo.

Se a minha mãe está intimamente envolvida nos mínimos aspetos das nossas vidas, tais como escovar pelos e planear em julho a fotografia de Natal da família, o meu pai é o oposto. É distante — uma ilha de firme masculinidade numa casa de mulheres. Sei que se preocupa profundamente com a minha mãe, com as minhas duas irmãs e comigo, mas raramente exprime esse sentimento em voz alta. Sei também que sou a sua preferida, mas a que mais o confunde. Ele é produto de uma era em que as mulheres iam para a faculdade para assegurarem o necessário diploma de esposas. Não está certo sobre o que fazer com uma filha de trinta anos que se formou com a melhor nota de Direito em Colúmbia e que na verdade gosta do mundo pedregoso do escritório de advogado do Ministério Público.

Fosse por que razão fosse — talvez apenas porque as posições de *filha perfeccionista* e de *filha mais doce* estavam já ocupadas na família —, fui sempre a *filha com miolos*. Adorava a escola e era conclusão tácita que seria eu quem transportaria a tocha da família, a substituta do filho, aquela que haveria de suceder ao meu pai. De algum modo, sempre imaginei que seria mais velha quando isso acontecesse e que então estaria pronta.

Agora olho para o meu pai e penso: *Como é que podes não querer, Avery? Foi para isto que ele trabalhou a vida toda. Para o que gerações de Staffords trabalharam desde a Guerra Revolucionária, Deus meu.* A nossa família sempre se manteve bem junto da linha orientadora do serviço público. O pai não é exceção. Desde formar-se em West Point e servir como piloto de aviação militar antes de eu nascer, ele sustentou o nome da família com dignidade e determinação.

Claro que queres isto, digo para mim própria. Sempre quiseste isto. Só não esperavas que acontecesse agora, e desta forma. É só isso.

Estou secretamente a agarrar-me com todas as forças ao cenário ideal. Os inimigos serão vencidos em ambas as frentes — a política e a médica. O meu pai curar-se-á pela combinação da cirurgia que o arrancou à sessão de verão do Congresso e o fez vir para casa e a bomba de quimio que tem de

usar ligada à perna de três em três semanas. A minha vinda para Aiken será temporária.

O cancro deixará de fazer parte das nossas vidas.

Pode ser derrotado. Outros fizeram-no, e se outros podem, o senador Wells Stafford também pode.

Não existe, em lado nenhum, um homem mais forte ou melhor do que o meu pai.

— Pronta? — pergunta ele, endireitando o fato. É um alívio quando ele alisa a crista de cabelo. Não estou preparada para me transformar de filha em cuidadora.

— Mesmo atrás de ti. — Faria qualquer coisa por ele, mas espero que passem muitos anos antes de sermos obrigados a inverter os papéis de pai e filha. Aprendi quanto isso é duro a observar o meu pai a debater-se para tomar decisões quanto à sua mãe.

A minha avó Judy, tão inteligente e divertida, é agora um fantasma do que foi. Doloroso como é, o meu pai não consegue falar sobre isso com ninguém. Se a comunicação social tiver indícios de que a mudámos para uma *instituição*, e logo uma de luxo numa propriedade encantadora a menos de dez milhas daqui, será uma situação de perda garantida, politicamente falando. Dado o escândalo crescente relativamente a uma série de mortes injustificadas e casos de abuso, no nosso estado, envolvendo lares de idosos possuídos por empresas, os inimigos políticos do meu pai salientariam que só os que têm dinheiro se podem dar ao luxo de proporcionar cuidados de qualidade ou acusá-lo-iam de se ver livre da mãe porque é um tipo sem coração que não se interessa nada pelos mais velhos. Diriam que facilmente ele fecharia os olhos às necessidades dos indefesos se isso aproveitasse aos seus amigos e contribuidores da campanha.

A realidade é que as suas decisões sobre a avó Judy não são de modo nenhum políticas. Somos exatamente como as outras famílias. Todas as avenidas disponíveis são asfaltadas de culpa, raiadas de dor e marcadas pela vergonha. Estamos envergonhados pela avó Judy. Temos medo por ela. Parte-se-nos o coração pensar onde poderá acabar esta queda cruel na demência. Antes de a mudarmos para o lar, a minha avó fugiu à pessoa que cuidava dela e ao pessoal da casa. Chamou um táxi e desapareceu durante um dia inteiro, sendo depois encontrada a vaguear num centro de negócios que foi em tempos o seu local de compras preferido. Como conseguiu ela fazer tudo isso, quando nem consegue recordar os nossos nomes, é um mistério.

Estou esta manhã a usar uma das suas joias preferidas. Tenho uma vaga

noção dela no meu pulso ao deslizar para fora da limusina. Finjo que escolhi a pulseira da libélula em sua honra, mas na realidade está ali como um lembrete silencioso de que as mulheres Stafford fazem o que tem de ser feito, mesmo quando não querem. A localização do acontecimento desta manhã deixa-me desconfortável. Nunca gostei de lares.

É apenas uma cerimónia de cumprimentos, digo para mim própria. *A imprensa está aqui para cobrir o evento, não para fazer perguntas.* Haverá apertos de mão, uma visita ao edifício, uma reunião com os residentes para celebrar o aniversário de uma mulher que faz cem anos. O marido tem noventa e nove. Um feito notável.

Lá dentro, o corredor cheira como se alguém tivesse soltados os trigémeos da minha irmã com pulverizadores de desinfetante sanitário. O odor artificial a jasmim enche o ar. Leslie fareja, depois aprova com um aceno de cabeça, ao mesmo tempo que ela, um fotógrafo e vários internos e assistentes nos ladeiam. Nesta ocasião estamos sem guarda-costas. Sem dúvida que foram à frente para preparar a reunião desta tarde na câmara municipal. Ao longo dos anos, o meu pai recebeu ameaças de morte de grupos marginais e milícias de ocasião, para não falar dos loucos que reclamaram ser atiradores, bioterroristas e raptores. Raramente levou a sério essas ameaças, mas a sua segurança sim.

Ao virar da esquina, somos saudados pela diretora do lar e por duas novas equipas com câmaras. Nós visitamos. Eles filmam. O meu pai amplifica o seu encanto. Aperta mãos, posa para fotografias, demora-se a falar com as pessoas, inclina-se à beira de cadeiras de rodas, e agradece às enfermeiras o trabalho difícil e exigente em que se envolvem todos os dias.

Eu sigo-o e faço o mesmo. Um cavalheiro idoso e afável, com um chapéu de coco de *tweed*, namorisca-me. Com delicioso sotaque britânico diz-me que tenho belos olhos azuis.

— Se fosse há cinquenta anos, não a largaria enquanto não a convencesse a aceitar um encontro comigo — brinca ele.

— Acho que já me convenceu — respondo, e rimos juntos.

Uma das enfermeiras avisa-me de que o Sr. McMorris é um Don Juan de cabelos brancos. Ele pisca-lhe o olho em confirmação.

À medida que vagueamos pelo átrio em direção à festa de centésimo aniversário, apercebo-me de que estou realmente a divertir-me. As pessoas daqui parecem contentes. Não é tão luxuoso como o lar da avó Judy, mas está muito longe das instalações mencionadas pelos queixosos na recente série de processos judiciais. Por estranho que pareça, nenhum desses queixosos

jamais verá um cêntimo, não importa que danos lhe foram reconhecidos pelos tribunais. Os homens do dinheiro por trás das cadeias de lares utilizam redes de *holdings* e empresas de fachada que podem facilmente afundar para evitar pagar as queixas. O que é a razão pela qual a revelação de laços entre uma destas cadeias e um dos amigos mais antigos do meu pai e o maior contribuidor tem sido tão potencialmente devastadora. O meu pai é um rosto notório sobre o qual a ira pública e a culpabilização política podem ser canalizadas.

A ira e a culpabilização são armas poderosas. A oposição sabe disso.

Um pequeno pódio foi instalado na sala comum. Escolhi um lugar discreto com a comitiva junto das portas de vidro que dão para um jardim sombroso onde floresce um caleidoscópio de flores apesar do calor brutal do verão.

Uma mulher perfila-se sozinha num dos caminhos abrigados do jardim. Voltada noutra direção, está aparentemente alheia à festa e olha fixamente a distância. A sua mão repousa sobre uma bengala. Veste um simples vestido de algodão de cor creme e um suéter branco, apesar do dia quente. O seu espesso cabelo grisalho é entrançado e enrolado em volta da cabeça, e isso, combinado com o vestido sem cor, fá-la parecer fantasmagórica, um resquício de um passado há muito esquecido. Uma brisa faz estremecer a treliça com glicínias, mas não parece tocar-lhe, aumentando a sensação de que, na realidade, não está ali.

Volto a minha atenção para a diretora do lar. Dás as boas-vindas a toda a gente, anuncia a razão do encontro de hoje — afinal, não é todos os dias que alguém cumpre um século de vida. Estar casada durante a maior parte desse tempo e ainda ter o ser amado ao seu lado é um facto ainda mais notável. É na verdade um acontecimento digno de uma visita senatorial.

Para não falar do facto de este casal ter estado entre os apoiantes do meu pai desde os seus tempos no governo estadual da Carolina do Sul. Tecnicamente, conhecem-no há mais tempo do que eu, e são-lhe quase tão devotados. A nossa homenageada e o marido erguem as mãos esguias no ar e aplaudem furiosamente quando o nome do meu pai é mencionado.

A diretora conta a história dos dois queridos amorosos empoleirados ao centro da mesa. Luci nasceu em França quando ainda circulavam carruagens a cavalo nas ruas. É difícil sequer imaginar. Trabalhou com a Resistência francesa durante a II Guerra Mundial. O marido, Frank, piloto de caça, foi abatido em combate. A história de ambos parece tirada de um filme — um romance avassalador. Fazendo parte de uma rede de fuga, Luci ajudou a

arranjar um disfarce e fê-lo sair do país, ferido. Depois da guerra, ele regressou para a procurar. Ela vivia ainda na mesma quinta, com a família, encerrada numa cave, a única parte da casa que restava.

Os acontecimentos por que aqueles dois passaram deixam-me maravilhada. Isto é possível quando o amor é verdadeiro e forte, quando as pessoas são devotadas uma à outra, quando sacrificam tudo para estar juntas. Isto é o que quero para mim, mas às vezes pergunto-me se é possível na nossa moderna geração. Estamos tão distraídos, tão... ocupados.

Baixando os olhos para o meu anel de noivado, penso: *Elliot e eu temos tudo o que é preciso. Conhecemo-nos tão bem um ao outro. Estivemos sempre lado a lado...*

A menina dos anos arranca-se da cadeira, dando o braço ao seu querido. Os dois caminham juntos, curvados, tortos e encostados. A visão é doce e comovente. Espero que os meus pais vivam até este estádio maduro da vida. Espero que tenham um longo período de aposentação... um dia... daqui a uns *anos*, quando o meu pai decidir finalmente abrandar. Esta doença não pode levá-lo aos cinquenta e sete. É demasiado novo. É desesperadamente necessário, tanto em casa como no mundo. Ainda tem trabalho a fazer, e depois disso os meus pais merecem uma reforma sossegadamente a ver passar as estações e a despender tempo juntos.

Um sentimento de ternura toma o meu peito, e afasto estes pensamentos. Nada de *exibição de emoções irresistíveis em público* — como Leslie lembra com frequência. *As mulheres não se podem dar a esse luxo neste palco. É visto como incompetência, fraqueza.*

Como se eu não soubesse disso já. Uma sala de audiências não é muito diferente. As mulheres advogadas estão sempre a ser postas à prova de muitas maneiras. Temos de jogar com regras diferentes.

O meu pai cumprimenta Frank quando se encontram junto ao pódio. O homem para, endireita-se, e retribui o gesto com precisão militar. Os seus olhos encontram-se e o momento é puro. Pode parecer perfeito nas câmaras, mas não é para as câmaras. Os lábios do meu pai apertam-se numa linha fina. Está a tentar não se ir abaixo.

Não é coisa dele ficar tão perto de o deixar transparecer. Engulo outra onda de emoção. Um sopro trememente escapa-se-me pelos lábios. Forço os ombros para trás, desvio o olhar e concentro-me na vidraça, estudando a mulher no jardim. Ainda lá está, a olhar fixamente. Quem é? O que procura?

O coro ruidoso do «Parabéns a você» filtra-se através do vido e leva a se vire lentamente para o edifício. Sinto a força da cantiga. Sei que as câmaras vão

provavelmente passar por mim e pareço distraída, mas não consigo desviar inteiramente a minha atenção do caminho lá fora. Quero, pelo menos, ver o rosto da mulher. Estará tão vazio como o céu de verão? Estará ela simplesmente incapaz de pensar e vagante, ou não participou na festa de propósito?

Leslie puxa-me o casaco por trás, e eu retomo a atenção como uma menina de escola apanhada em falta.

— Parabéns a... *Concentra-te* — canta-me ela ao ouvido, e eu aceno com a cabeça enquanto ela procura um ângulo melhor para tirar fotografias com o telefone para serem colocadas no Instagram do meu pai. O senador está presente nas redes sociais mais recentes, mesmo não sabendo utilizar qualquer delas. O seu gestor de redes sociais é um génio.

A cerimónia continua. Irrrompem os clarões das câmaras. Os felizes membros da família limpam as lágrimas e filmam quando o meu pai apresenta uma carta de felicitações emoldurada. O bolo chega num carrinho com cem velas acesas. Leslie está deliciada. A felicidade e a emoção inundam a sala, inchando-a como um balão de hélio. Mais qualquer outra alegria e flutuaremos todos para longe.

Alguém me toca na mão e no pulso, dedos que me envolvem tão inesperadamente que recuo com um safanão, depois paro para não dar azo a uma cena. O aperto é frio e ossudo e tremente, mas surpreendentemente forte. Volto-me e vejo a mulher do jardim. Endireita as costas corcovadas e fita-me com olhos cor das hidrângeas lá de casa, em Drayden Hill — um azul suave e límpido com uma ligeira névoa em volta das extremidades. Os seus lábios pregueados tremem. Antes de recuperar o espírito, uma enfermeira vem buscá-la, agarrando-a com firmeza.

— May — diz ela, dirigindo-me um olhar de desculpas. — Venha. Não devemos incomodar as nossas visitas.

Mais do que me soltar o pulso, a mulher idosa agarra-se a ele. Parece desesperada, como se precisasse de alguma coisa, mas não consigo imaginar o que seja. Perscruta-me o rosto, esticando-se para cima.

— Fern? — sussurra ela.

May Crandall

AIKEN, CAROLINA DO SUL, TEMPO PRESENTE

Por vezes, é como se as escotilhas da minha mente estivessem enfe-
rujadas e gastas pelo uso. As portas abrem-se e fecham-se à vontade.
Uma espreitadela aqui. Um espaço vazio ali. Um local escuro para o
interior do qual receio espreitar.

Nunca sei o que vou encontrar.

Não é possível predizer quando uma barreira se levanta, ou porquê.

Gatilhos. É o que os psicólogos lhes chamam nos programas de televisão.
Gatilhos de detonação, como se a pancada inflamasse a pólvora e enviasse
um projétil a girar pelo cano de uma espingarda. É uma metáfora adequada.

O seu rosto detona qualquer coisa.

Uma porta abre-se sobre o passado longínquo. Tropeço através dela, pri-
meiro involuntariamente, perguntando o que poderá estar fechado dentro
deste compartimento. Assim que lhe chamo Fern, sei que não é em Fern que
estou a pensar. Cheguei até bastante mais atrás. É Queenie quem eu vejo.

Quennie, a nossa forte mãezinha, que nos marcou a todas com os seus
encantadores caracóis dourados. Todas menos a pobre Camellia.

A minha mente flutua como uma pena pelo cimo das árvores e ao lon-
go dos campos do vale. Faço todo o caminho até uma margem baixa do
Mississípi até à última vez que vi Quennie. O ar quente e suave daquela noite
de verão em Memphis redemoinha sobre mim, mas a noite é impostora.

Não é suave. Não perdoa.

Dessa noite não haverá regresso.

Doze anos de idade, ainda magra e nodosa como um poste da frente do alpendre, balanço as minhas pernas sob a grade da nossa casa flutuante, à procura de apanhar a cintilação âmbar da luz da lanterna nos olhos de um crocodilo. Os crocodilos não vagueiam até tão longe no Mississípi, mas tem havido rumores sobre terem sido vistos ultimamente. Isso torna o procurá-los uma espécie de jogo. A miudagem das casas flutuantes encontram o divertimento onde ele estiver.

Neste momento, precisamos mais de uma distração do que o costume.

Ao meu lado, Fern trepa a grade e perscruta os bosques à procura de libélulas. Com quase quatro anos, ela está a aprender a contá-las. Aponta um dedo gorducho e debruça-se, sem pensar em crocodilos.

— Vi um, Rill! Eu vi-o! — grita ela.

Agarro-lhe o vestido para a puxar para trás.

— ‘Tás quase a cair, nã’ vou saltar atrás de ti desta vez.

Verdade seja dita, não lhe iria acontecer nada de mal se ela caísse. Aprendia uma lição. O barco está amarrado num pequeno remanso do rio do outro lado de Mud Island. A água não me chega à cintura do lado da popa do *Arcadia*. Fern poderia tocar o fundo mesmo na ponta dos pés, mas, de qualquer modo, todos nós, os cinco, nadamos como girinos, até o pequeno Gabion, que ainda não consegue articular uma frase inteira. Quando se nasce no rio, é tão natural como respirar. Conhecemos os seus ruídos, as suas manhas e as suas criaturas. Para ratazanas do rio como nós, a água é um lar. Um lugar seguro.

Mas alguma coisa anda no ar neste momento... alguma coisa que não está certa. Um veio de pele de galinha corre-me pelos braços acima e espeta-se como alfinetes nas bochechas. Um arrepio frio instala-se-me no corpo, na abafada noite de verão. Por cima, o céu é denso, e as nuvens estão maduras como melões prontas a estoirar. Vem aí uma tempestade, mas o que eu sinto é alguma coisa mais do que isso.

No interior do barco, os suaves grunhidos de Queenie são agora mais rápidos, indiferentes à voz espessa como melaço da parteira:

— Então, m'nina Foss, tem de parar de fazer força, e tem de parar já. Esta criança vai sair do lado errado, nã’ vai ficar muito tempo neste mundo, e vosmecê também não. Pronto, ‘tá bom. Acalme-se lá. Relaxe.

Queenie emite um som grave e arrelhado que parece o de uma bota a arrancar-se do denso lamaçal do rio. Deu-nos à luz as cinco com pouco mais de um suspiro pesado, mas desta vez está a demorar muito mais. Esfrego o

arrepio suado dos meus braços e tenho a impressão de que está alguma coisa no arvoredo. Alguma coisa má. Olha na nossa direção. Porque está aqui? Veio por Queenie?

Quero saltar o passadiço, correr ao longo da praia e gritar, «Vai-te daqui! Vai-te embora! Não podes levar a minha mãezinha!».

Fá-lo-ia. Não tenho medo de que possa haver crocodilos. Mas, ao invés, sento-me quieta como uma tarambola no ninho. Ouço as palavras da parteira. Ela fala suficientemente alto, é como se eu estivesse lá dentro.

— Oh, senhores! Oh, misericórdia. Ela tem mais do que um lá dentro. Tem mesmo!

O meu pai murmura qualquer coisa que não consigo ouvir. As passadas das suas botas cruzam o chão, hesitam, voltam para trás. A parteira diz:

— Sô Foss, nã' há nada qu'eu possa fazer. Se nã' leva esta mulher a um médico rapidamente, os bebés nã' vão ver a luz deste mundo, e este será também o dia da morte da mãe deles.

Briny não responde imediatamente. Bate ambos os punhos na parede com tanta força que a moldura do retrato de Queenie chocalha. Solta-se qualquer coisa e ouve-se o tinir do metal na madeira, e eu sei o que é pelo sítio onde cai e pelo modo como soa. Vejo na minha mente a cruz de latão com o homem de aparência triste em cima, e quero correr lá para dentro, agarrá-la e ajoelhar-me junto à cama e sussurrar misteriosas palavras polacas, como Queenie faz em noites de tempestade, quando Briny está ausente do barco-casa, e a água da chuva escorre pelo telhado e as ondas sacodem o casco.

Mas eu não sei a língua estranha e cortante que Queenie aprendeu com a família que deixou quando fugiu para o rio com Briny. As poucas palavras polacas que sei pareceriam uma carrada de disparates se as alinhasse. Mesmo assim, se neste momento pudesse agarrar a cruz de Queenie com a minha mão, di-las-ia ao homem de latão que Queenie beija quando vêm as tempestades.

Tentaria de tudo para ajudar a terminar o parto e ver Queenie sorrir outra vez. Do outro lado da porta, as botas de Briny raspam as tábuas do soalho, e ouço a cruz matraquear pelo chão. Briny procura a janela de vidro fosco que veio da quinta que ele deitou abaixo para construir o barco, antes de eu ter nascido. Com a mãe de Briny no leito de morte e a terra cultivada seca por mais um ano, o banco ia ficar com a casa de qualquer modo.

Briny imaginou que o rio era o sítio para estar. Também teve razão. Quando a Depressão chegou, ele e Queenie viviam bem sobre a água. *Nem mesmo a Depressão consegue matar o rio à fome*, diz ele de cada vez que conta

a história. *O rio tem a sua própria magia. Ele cuida da sua gente. Sempre cuidará.*

Mas esta noite essa magia tornou-se ruim.

— Sôr! ‘Tá a ouvir o qu’eu le digo? — A parteira está agora a ser mesquinha. — Eu nã’ fico com o sangue deles nas minhas mãos. Leve a sua mulher ao hospital. Leve-a agora mesmo.

Por trás do vidro, o rosto de Briny fica tenso. Fecha os olhos com força. Bate com o punho na testa, deixa-o cair contra a parede.

— A tempestade...

— Quero lá saber se o próprio diabo anda a dançar por aí, Sô Foss. Nã’ há nada qu’eu possa fazer por esta rapariga. Nada. Não vou ficar com ele nas minhas mãos, nã’ senhor.

— Ela nunca... teve problemas... com nenhum dos outros. Ela...

Queenie grita bem alto, e o som rodopia dentro da noite, como o chameamento de um gato selvagem.

— A menos q’sê tenha esquecido de me d’zer alguma coisa, ela nunca teve dois bebês ao me’mo tempo.

Ponho-me de pé e levo Fern para outro lado, deixo-a no alpendre da casa com Gabion, que tem dois anos, e com Lark, que tem seis. Da janela da frente, de onde mira a distância, Camellia desvia o olhar na minha direção. Ao fechar a grade do passadiço, prendo-os a todos no alpendre e digo a Camellia para não deixar as crianças passarem por cima dela. Camellia responde com um franzir do sobrolho. Aos dez anos, tinha a testa marcada de Briny, juntamente com o seu cabelo e olhos escuros. Não gosta que lhe digam o que fazer. É teimosa como um rebento de cipreste e, não raro, duas vezes mais dura. Se os mais pequenos não ficarem quietos, as coisas ficarão piores do que já estão.

— Vai tudo correr bem — prometo, e acaricio as suas cabeças macias e douradas como se fossem cachorros. — Queenie está só a passar por um momento difícil. Precisa de que ninguém a incomode. Agora vão ficar aí, sossegadinhas. O velho *rougarou*¹ anda por aí a rondar esta noite, ouvi-o a respirar há um minuto. Não é seguro andar lá fora.

Agora que tenho doze anos, não acredito no *rougarou*, nem no papão, nem no Louco Capitão Jack dos piratas do rio. Não muito, de qualquer modo. Duvido que Camellia alguma vez tenha engolido as histórias bárbaras de Briny.

¹ Criatura mitológica aparentada ao lobisomem, com origem nas comunidades francesas (do francês *loup-garou*) da região de Laurentides, no Quebeque, foi disseminada depois na mitologia Cajun, cujos descendentes habitam hoje sobretudo no estado do Luisiana, no Sul dos EUA.

Ela estende a mão para o trinco da porta.

— Não — digo num sibilo. — Eu vou.

Disseram-nos para nos mantermos cá fora, o que Briny só diz se for mesmo a sério. Mas, neste preciso momento, Briny parece não saber o que fazer, e eu estou preocupada com Queenie e o meu novo irmão ou irmã. Temos estado, todos nós, à espera de saber qual dos dois seria. Embora o tempo ainda não tivesse chegado. Este veio cedo — até mais cedo do que Gabion, que era uma coisa tão pequenina, escorregou para o mundo antes de Briny ter atracado o barco e arranjado uma mulher que ajudasse ao nascimento.

Este novo bebé não parece muito inclinado a tornar as coisas tão fáceis. Talvez se pareça com Camellia quando veio cá para fora e seja tão teimoso como ela.

Bebés, recordo a mim própria. Interiorizo a ideia de que há mais do que um, como os cachorros, e isso não é normal. Três vidas jazem meio ocultadas pela cortina da cama que Queenie costurou com os lindos sacos da farinha *Golden Heart*. Três corpos tentam separar-se uns dos outros, mas não conseguem.

Abro a porta e a parteira cai sobre mim antes de eu poder decidir se entro ou não. Aperta-me o braço com a mão. Os seus dedos parecem dar-me duas voltas ao braço. Baixo os olhos e vejo o círculo da pele negra sobre a branca. Pode desfazer-me em duas, se cismar com isso. Porque não pode ela salvar o meu irmão ou irmã bebé? Porque não pode ela sacá-lo do corpo da mãezinha e pô-lo neste mundo?

Queenie repuxa a cortina com a mão, e grita, e puxa, arqueando-se para fora da cama. Meia dúzia de ganchos de arame abrem-se e soltam-se. Vejo o rosto da minha mãezinha, os longos cabelos louros e sedosos e emaranhados, os seus olhos azuis, aqueles belos e suaves olhos azuis que nos marcaram a todos, menos a Camellia, que destoa. A pele da face está tão esticada, toda ela rendilhada de veias como as asas de uma libélula.

— Paizinho? — O meu sussurro surge no final de um grito de Queenie, mas ele parece ainda perturbar o ar do interior do quarto. Nunca chamo paizinho a Briny ou mãezinha a Queenie, a menos que alguma coisa esteja mesmo a correr mal. Eram tão novos quando me tiveram, acho que nunca pensaram sequer em ensinar-me as palavras mãe e pai. Foi sempre como se fôssemos amigos da mesma idade. Mas de vez em quando preciso que sejam um paizinho e uma mãezinha. A última vez foi há semanas, quando vimos o homem pendurado na árvore, morto, de corpo inchado.

Ficará Queenie assim, se morrer? Irá ela primeiro e depois os bebês? Ou será ao contrário? O meu estômago está tão apertado que já nem sinto aquela mão enorme em volta do braço. Talvez esteja até contente por ela ali estar, segurando-me de pé, mantendo-me ancorada neste lugar. Tenho medo de me aproximar mais de Queenie.

— Diz-lhe! — A parteira sacode-me como uma boneca de trapos, e isso magoa. O branco dos seus dentes resplandece à luz da lanterna.

Um trovão ribomba não muito longe, uma rajada de vento alcança a amurada de estibordo e a parteira cambaleia para diante, levando-me com ela. Os olhos de Queenie cruzam-se com os meus. Olha-me como uma criança o faria, como se pensasse que posso ajudá-la e implorasse que o faça.

Engulo em seco e tento recuperar a voz.

— P... Paizinho? — Gaguejo a palavra de novo, mas ele continua a olhar fixamente a direito. Está paralisado como um coelho quando sente a proximidade do perigo.

Pela janela, vejo Camellia com a cara amassada contra o vidro. Os mais pequenos treparam para cima do banco para olharem para dentro. A Lark rolam-lhe grandes lágrimas pela face. Odeia ver sofrimento em qualquer criatura viva. Se conseguir, lança de novo ao rio o peixe que serve de isco. Sempre que Briny mata doninhas, ou patos, ou esquilos, ou veados, ela comporta-se como se o seu melhor amigo tivesse sido morto ali mesmo à sua frente.

Está a olhar para mim para que eu salve Queenie. Todos eles estão.

Algures, ao longe, um relâmpago cospe luz. O brilho amarelado do que-rosene retrocede, depois a escuridão volta. Tento contar os segundos até ouvir o trovão, para saber a que distância está a tempestade, mas estou demasiadamente nervosa.

Se Briny não levar Queenie ao médico muito em breve, será tarde demais. Como sempre, estamos acampados na costa selvagem. Memphis fica exatamente do lado oposto do largo e escuro rio Mississípi. Arranco um escarro à garganta e endureço o pescoço para que não volte para trás.

— Briny, tens de a levar ao outro lado.

Lentamente, ele roda na minha direção. O rosto continua vidrado, mas parece ter estado à espera disto — de que alguém além da parteira lhe diga o que fazer.

— Briny, tens de a levar no barco a remos agora, antes que a tempestade chegue.

Sei que demoraria demasiado tempo a movimentar o barco-casa. Briny também perceberia isso se conseguisse pensar como deve ser.

— Diz-lhe! — insta a parteira. Move-se direito a Briny, empurrando-me à frente dela.

— Se nã' tiras esta m'lher p'ra fora deste barco, a mãe desta criança 'tará morta antes c'amanheça.

Avery Stafford

AIKEN, CAROLINA DO SUL, TEMPO PRESENTE

— **A**very! Precisamos de ti aqui em baixo!
Nada nos atira dos trinta para os treze anos de idade mais depressa do que a voz da nossa mãe a ressoar escadas acima como uma bola de ténis depois de um corte com a direita.

— Vou já! É só um instante.

Elliot ri-se entredentes do outro lado do telefone. O ruído é ao mesmo tempo familiar e reconfortante. Traz à cabeça o rasto de uma memória que vai até à infância. Sempre debaixo de olho da mãe de Elliot e da minha, nunca tivemos a mínima hipótese de passar das marcas, muito menos de levarmos avante o tipo de atos malvados de que outros adolescentes eram culpados. Estávamos mais ou menos destinados a ser bons. Juntos.

— Parece que chegou a hora, querida.

— O retrato de família do Natal.

Inclinando-me para o espelho, afastei as madeixas de cabelo louro e encaracolado da cara, inutilmente, pois caíram de novo. O meu rápido passeio até ao estábulo depois de ter regressado do evento no lar fizeram renascer em mim os caracóis da avó Judy. Sabia que seria assim, mas nascera uma cria na noite anterior, e uma nova cria é uma coisa a que não consigo resistir. Agora estou a pagar o preço. Nenhum alisador de cabelo conhecido do homem aguenta a brisa carregada de humidade do rio Edisto.

— Fotografias de Natal em julho?

Elliot tosse, e isso faz-me lembrar de quanto sinto a sua falta. Esta história de vivermos longe um do outro é difícil, e estamos assim apenas há dois meses.

— Ela está preocupada com a quimio. Disseram-lhe que o pai não perderia o cabelo com esta, mas ela tem medo de que perca.

Na verdade, não há nenhum médico sobre o planeta que possa consolar a minha mãe sobre o diagnóstico de cancro do colón do paizinho. A mãezinha sempre se encarregou de tudo, e está determinada a não abdicar agora. Se ela diz que o cabelo do paizinho vai ficar ralo, então o mais provável é que vá ficar.

— Falas como a tua mãe. — Elliot ri-se novamente. Ele deverá saber bem. A sua mãe, Bitsy, e a minha são dois retalhos cortados do mesmo pano.

— Ela está apenas apavorada de perder o pai. — A última palavra sai um pouco estrangulada. Estes últimos meses viraram-nos do avesso, deixaram-nos a sangrar silenciosamente debaixo da pele.

— Claro que está. — Elliot interrompe-se pelo que parece uma eternidade. Ouço o clicar de teclas de computador. Recordo a mim mesma de que ele tem uma corretora ainda a dar os primeiros passos e que o seu êxito é tudo para ele. Não precisa de que a sua noiva lhe ligue a meio do dia sem uma razão concreta.

— É bom estares aí, Aves.

— Espero estar a ajudar. Às vezes acho que contribuo para aumentar o stresse em vez de o diminuir.

— Precisas de estar aí. Precisas do ano na Carolina do Sul para reestabeleceres a tua residência... para o caso de ser necessário. — Elliot recorda-me a mesma coisa todas as vezes que temos esta conversa, todas as vezes que me debato com o impulso de apanhar um voo para Maryland e voltar ao meu velho gabinete de procurador dos Estados Unidos, onde não há necessidade de nos preocuparmos com tratamentos para o cancro, fotografias de Natal fora de tempo, constituintes, e gente como aquela mulher de ar desesperado que me agarrou o braço no lar de idosos.

— Ei, Aves, espera um minuto. Desculpa. As coisas esta manhã estão uma loucura.

Elliot deixa-me pendurada para atender outra chamada, e os meus pensamentos retrocedem para a manhã deste dia. Vejo a mulher — May — perfilada no jardim, de suéter branco. Depois a meu lado, o rosto quase à altura do meu ombro, as mãos magras e ossudas apertando-me o pulso, a bengala suspensa do braço. A expressão do seu olhar é assombrosa, mesmo em

retrospectiva. Há nela uma forte sensação de reconhecimento. Está certa de que sabe quem sou.

Fern?

Perdão?

Fernie, sou eu. Os seus olhos estão orlados de lágrimas. Oh, querida, tive tantas saudades tuas. Disseram-me que tinhas ido embora. Sabia que nunca faltarias ao prometido.

Por um segundo, desejo ser Fern, apenas para a fazer feliz — aliviá-la de estar ali sozinha a olhar as glicínias. Parecia tão só ali. Perdida.

Sou poupada a ter de lhe dizer que não sou a pessoa de quem está à procura. A empregada intervém, vermelhusca e claramente atrapalhada. *Peço desculpa*, sussurra ela apenas para mim. *A Sra. Crandall é nova aqui.* Passa um braço firmemente em volta do ombro da Sra. Crandall e arranca-lhe a mão do meu pulso. A velha senhora é surpreendentemente forte. Vai cedendo, centímetro a centímetro, e a enfermeira diz em voz baixa, *Vamos lá, May. Eu levo-a de volta ao seu quarto.*

Vejo-a ir, sentindo-me como se devesse fazer alguma coisa para ajudar, mas não sei o quê.

Elliot volta a estar em linha, e a minha mente salta de novo para o presente.

— De qualquer modo, cerra os dentes. Consegues aguentar-te. Já te vi dares a volta aos advogados de defesa da grande cidade. Aiken não deve ser assim um problema tão grande.

— Eu sei — suspiro. — Desculpa por te chatear. Só... precisava de ouvir a tua voz, suponho. — Uma onda de rubor sobe-me do pescoço. Não costumo ser tão dependente. Talvez seja uma consequência da crise de saúde do pai e dos problemas da avó Judy, mas uma dolorosa sensação de mortalidade agarra-se a mim. É densa e persistente como o nevoeiro sobre o rio. Apenas consigo ver o meu caminho através dela, cega em relação ao que possa estar à espreita.

Tenho vivido uma vida encantada. Talvez nunca tivesse percebido isso até agora.

— Não sejas tão dura contigo própria. — A voz de Elliot torna-se terna. — É muita coisa junta. Dá tempo ao tempo. Não consegues resolver nada por te preocupares com as coisas que estão por vir.

— Tens razão. Eu sei que tens razão.

— Podes pôr isso por escrito?

A piada de Elliot provoca-me uma gargalhada.

— Nunca. — Agarro na minha carteira em cima da secretária à procura de alguma coisa com que atar o cabelo. Esvazio-a sobre a cama e encontro dois ganchos prateados. Servem. Vou puxar o cabelo para trás e dar-lhe um ar ondulado para a fotografia. A avó Judy vai adorar quando a vir. Afinal de contas, é com o cabelo *dela* que tenho de lidar, e ela sempre o usou encaracolado.

— É assim mesmo, Aves.

Elliot cumprimenta alguém que acabou de entrar no seu gabinete, e despedimo-nos rapidamente enquanto arranjo o cabelo e espreito o espelho uma última vez, endireitando o vestido justo verde que pus para a fotografia. Espero que a minha mãe estilista não vá verificar a etiqueta. O vestido é de marca de loja do centro comercial. O cabelo, no entanto, não parece mal. Até a estilista vai aprovar... se aqui estiver... e provavelmente está. Ela e Leslie estão de acordo com o facto de eu precisar de *um pouco de atenção*, como elas dizem.

Batem à porta, levemente.

— Não entres. Tenho um polvo fechado no armário! — aviso.

A minha sobrinha Courtney, de dez anos, mete a sua cabeça loura e encaracolada pela porta. Também ela é uma reminiscência da avó Judy.

— Na última vez disseste que havia lá um urso-pardo — queixa-se ela, revirando os olhos para eu ficar a saber que, embora esta gracinha possa ter sido gira quando ela tinha nove anos, agora que atingiu oficialmente os dois dígitos deixou de ter graça.

— Um urso-pardo *mutante*, muito obrigada — digo, dando uma espreitadela ao jogo de vídeo com que ela está obcecada. Com o grupo-surpresa de trigêmeos a tomar conta da casa, Courtney é deixada com os seus entretenimentos durante a maior parte do tempo. Parece não se importar com a sua nova liberdade, mas eu preocupo-me com ela.

Põe uma mão na anca e deixa transparecer o seu propósito.

— Se não vais para baixo, vais precisar desse urso-pardo, porque a Honeybee vai lançar-te os cães. — Honeybee é como o meu pai chama à minha mãe.

— Ohhhh, agora assustaste-me.

Os *terriers* escoceses, aqui em Drayden Hill, são tão mimados que provavelmente esperam que um intruso venha equipado com produtos de marca da loja para cães.

Afago o cabelo de Courtney e passo à frente dela.

— Allison! — grito lá para baixo, começando a correr. — A tua filha é que está a atrasar o retrato de família!

Courtney guincha, e ambas corremos para o piso de baixo. Ela ganha porque é uma repariguinha ágil e eu tenho saltos. Não preciso da altura extra, mas a mãe não iria ficar contente se eu aparecesse para a fotografia de Natal de sapatos rasos.

Na sala de recepções, o pessoal e o fotógrafo desincumbem-se da missão. Segue-se a mania da foto de Natal. Quando terminamos, as adolescentes da minha irmã mais velha estão exasperadas, e eu estou pronta para uma sesta. Em vez disso, agarro numa das crianças mais pequenas e inicio uma guerra de cócegas no sofá. Os outros rapidamente vêm juntar-se.

— Avery, por amor de Deus! — protesta a minha mãe. — Estás a ficar descomposta, e deverás partir com o teu pai dentro de vinte minutos.

Leslie levanta um olho na minha direção, mostrando a sua capacidade de iguana de se focar em duas direções ao mesmo tempo. Abana um dedo ao vestido verde.

— Isso é demasiado formal para o fórum na câmara municipal, e o modelo desta manhã não é suficientemente formal. Usa o conjunto de calças e casaco azul, debruados. Muito senatorial, mas não excessivamente. Sabes de qual estou a falar?

— Sim. — Preferia engalfinhar-me com os trigêmeos ou falar com os miúdos de Missy sobre os planos de serem monitores no acampamento de verão, mas ninguém me está a oferecer essas opções.

Despeço-me com um beijo das minhas sobrinhas e sobrinhos e subo as escadas à pressa para me mudar. Em suma, vou partilhar mais uma curta viagem de limusina com o meu pai. Ele tira o telefone e procura o programa do encontro desta tarde. Entre Leslie, os numerosos assistentes e internos, os que aqui estão e os que estão em D.C., e os jornais, o homem está sempre bem informado. Precisa de estar. Na atual atmosfera política, existe um perigo muito real de uma mudança no equilíbrio senatorial, no caso de esta luta com o cancro o obrigar a demitir-se. O paizinho preferia morrer a deixar que isso acontecesse. A quantidade de tempo em que ignorou os sintomas e permaneceu em D.C. para a sessão do Congresso é prova disso, como o é o facto de eu ter sido chamada a casa para fazer preparações e reestabelecer a residência, como Elliot diz, para o caso de ser necessário.

Na Carolina do Sul, o nome Stafford sempre superou as divisórias políticas, mas a publicidade do escândalo dos lares de idosos tem feito suar toda a gente como turistas numa tarde de verão em Charleston. Surge uma nova história todas as semanas — residentes que morreram com escaras que não eram tratadas, instalações com pessoal não qualificado, locais que estavam longe

de cumprir os regulamentos federais que prescrevem 1,3 horas de cuidados por dia para cada paciente, mas que não se coíbiam de faturar a Medicare e a Medicaid. Famílias desoladas que acreditavam que os seus entes queridos estavam em mãos competentes. É doloroso e horrível, e a vaga ligação ao meu pai forneceu aos seus inimigos políticos infinitas munições de carga emocional. Querem que todos acreditem que, se os bolsos forem suficientemente fundos, o meu pai usaria a sua influência para ajudar um amigo a beneficiar com o sofrimento humano e escapar de ser acusado por isso.

Qualquer um que conheça o meu pai sabe que isso não é assim. Ele não está em posição de insistir para que os apoiantes e contribuidores da campanha mostrem as suas contas, e mesmo que estivesse, a verdade seria ocultada por camadas sobre camadas de entidades empresariais que à primeira vista parecem boas.

— O melhor é disfarçar — diz o pai, e carrega no *play* do lembrete de voz. Segura o telefone entre os dois e inclina-se para mim, e de súbito tenho novamente sete anos. Tenho a sensação efusiva e calorosa que sempre tive quando a mãe me levava a percorrer os átrios vazios do Capitólio, parava do lado de fora da porta do gabinete do meu pai e me deixava entrar sozinha. Muito silenciosamente, muito solenemente, eu ia até à mesa da secretária e anunciava que tinha um encontro com o senador.

— Oh, muito bem, deixe-me confirmar — dizia a Sra. Dennison sempre que isso acontecia, erguendo um sobrolho e contendo um sorriso enquanto pegava no intercomunicador. — Senador, tenho aqui uma... Menina Stafford para o ver. Posso mandá-la entrar?

Depois de ter sido autorizada a entrar, o meu pai cumprimentava-me com um aperto de mão, franzia a testa e dizia:

— Bom dia, menina Stafford. Que bom ter vindo. Está preparada para sair e saudar o público hoje?

— Sim, senhor, estou!

Os seus olhos cintilavam sempre de orgulho enquanto eu girava para lhe mostrar o que vestira para a ocasião. Uma das melhores coisas que um pai pode fazer pela sua filha é fazê-la saber que foi ao encontro das suas expectativas. O meu pai fez isso por mim, e todo o esforço da minha parte será pouco para pagar essa dívida. Faria tudo por ele e pela minha mãe.

Agora sentamo-nos lado a lado, escutando os detalhes das atividades do dia que ainda faltam, os tópicos que deverão ser tocados e as questões que devem ser evitadas. Deram-nos respostas cuidadosamente revistas a perguntas sobre abusos em instituições, processos instaurados e empresas

de fachada que por magia entravam em falência antes de os danos poderem ser pagos. O que tencionava o meu pai fazer acerca disto? Tinha ele estado a apoiar certas pessoas, protegendo os contribuidores políticos e os velhos amigos do longo braço da justiça? Vai ele agora usar o seu cargo para ajudar os milhares de idosos que lutam por encontrar cuidados de qualidade? E sobre os que ainda vivem nas suas próprias casas, lidando com os danos provocados pelas recentes e históricas cheias, obrigados a escolherem entre encarregar-se das reparações, comer, pagar a conta da eletricidade, e renovar a medicação? O que pensa o meu pai que deveria ser feito para os ajudar?

As perguntas acumulam-se. Todas têm pelo menos uma resposta bem ensaiada. Muitas têm diversas opções que podemos utilizar dependendo do contexto, e ainda as possíveis refutações. O fórum desta tarde na câmara municipal vai ser uma operação de imprensa cuidadosamente controlada, mas existe a possibilidade remota de arrebatarem o microfone subrepticamente. As coisas poderão aquecer.

Instruem-nos até sobre como reagirmos se alguém conseguir desenterrar a questão da avó Judy. Porque pagamos por uma instituição que custa mais de sete vezes o valor da diária atribuída pela Medicaid a idosos de baixos rendimentos?

Porquê? Porque o médico da avó Judy recomendou Magnolia Manor como a nossa melhor escolha dada a familiaridade da minha avó com o lugar. Uma das suas amigas de infância viveu na propriedade antes de ser convertida, e, por isso, para ela é como ir para casa. Queríamos que ela tivesse tudo o que pudesse confortá-la, mas estávamos também preocupados com a sua segurança. Nós, como muitas famílias, confrontámo-nos com um problema complexo e difícil para o qual não existe uma resposta simples.

Problema complexo e difícil... não existe uma resposta simples...

Registo estas frases na memória, palavra por palavra, para o caso de me fazerem a pergunta. É melhor não tentar improvisar quando questões tão profundamente pessoais como esta estão envolvidas.

— Bom trabalho no lar de idosos esta manhã, Wells — comenta Leslie quando entra no carro durante uma paragem para tomar café, a poucos quarteirões do local de encontro. — Estamos a caminho de cortar esta coisa pela raiz. — Está até mais intensa do que o costume. — Deixemos que Carl Fortner e a sua equipa tentem pôr-nos a milhas deste assunto dos lares de idosos. Estão apenas a desenrolar a corda com que havemos de enforcá-los.

— Estão a desenrolar uma porção de corda.

A piada do pai cai no vazio. No campo da oposição há um plano de ataque bem pensado, uma estratégia sistemática de pintar o meu pai como um elitista intocável, um conhecedor de Washington por dentro, a quem as dezenas de anos em D.C. deixaram cego em relação às necessidades das pessoas no seu estado natal.

— Mais material com que teremos de trabalhar — responde Leslie com segurança. — Escutem, há uma ligeira mudança de plano. Vamos entrar no edifício pelas traseiras. Há um protesto a decorrer do lado da rua oposto ao da entrada.

Centra depois a atenção em mim.

— Avery, vamos pôr-te no palco desta vez. Faremos o fórum com o senador sentado em frente do moderador, para dar uma sensação de informalidade. Tu vais ficar ao lado do teu pai no sofá, à sua direita, a filha preocupada que voltou para casa para cuidar da saúde dele e gerir os negócios da família. És a única solteira e não ocupada a criar filhos; tens um casamento para planear aqui em Aiken, etc., etc. Sabes a lição. Nada excessivamente político, mas não tenhas medo de mostrar o teu conhecimento das questões e das ramificações legais. Pretendemos um tom relaxado, não programado, pelo que pode surgir oportunidade de filtrares à tua vontade uma pergunta de natureza mais pessoal. Só estarão presentes órgãos noticiosos locais, o que torna esta oportunidade perfeita para ganhares um pouco de notoriedade sem demasiada pressão.

— Com certeza. — Passei os últimos cinco anos com júris a examinarem os meus menores movimentos e com o bafo dos advogados de defesa sobre o meu pescoço. Os participantes num encontro na câmara municipal cuidadosamente monitorizado não me assustam.

Ou é isso que digo a mim própria. Por algum motivo, o meu pulso acelera e sinto a garganta áspera e seca.

— Jogo fisionómico, querida. — O pai faz o gesto a que por vezes chamamos o «pisar de olhos que vale um milhão de dólares». Transborda confiança como se fosse mel quente, denso e irresistível.

Quem me dera ter metade do carisma do meu pai.

Leslie avança com o programa do encontro. Ainda está a falar quando chegamos à câmara. Ao contrário do que aconteceu no lar de idosos, desta vez há segurança, incluindo agentes locais do Departamento de Segurança Pública. Ouço o tumulto lá fora, em frente, e ao fundo da rua está estacionado um carro da polícia.

Leslie tem o ar de quem está pronta a esmurrar as luzes de alguém ao

sermos enxotados para fora da limusina. Um suor nervoso goteja debaixo do meu conservador fato azul-marinho.

— Honra o teu pai e a tua mãe! — grita um manifestante sobre a algararra.

Quero virar à direita, ir até à curva e dizer a esta gente para se ir embora. Como se atrevem eles?

— Não a campos de concentração para idosos! — Este entra pela porta atrás de nós.

— Quem são estas pessoas, *maluquinhos*? — murmuro entredentes, e Leslie dirige-me um olhar de aviso, depois encolhe disfarçadamente os ombros para os agentes da polícia. A mensagem é para guardar as minhas opiniões para mim própria, em público, a menos que tenham sido previamente aprovadas. Mas agora estou a lutar que nem uma louca... o que pode ser uma coisa boa. O pulso diminui decididamente, e sinto o meu jogo fisionómico voltar ao normal.

No instante em que a porta se fecha, as coisas acalmam. Somos cumprimentados por Andrew Moore, o coordenador do programa para os anfitriões do fórum de hoje — membros do Comité de Ação Política para os Direitos dos Idosos. Andrew parece surpreendentemente jovem para estar nesta posição. Não deve ter mais de uns vinte e tal anos. O fato cinzento impecavelmente engomado combinado com a gravata ligeiramente descaída e colarinho repuxado fá-lo parecer um rapazinho cujas roupas lhe foram preparadas de manhã, mas que teve de se meter dentro delas sozinho. Diz-nos que foi criado pelos avós, que fizeram enormes sacrifícios para o sustentar. Esta é uma forma de pagar a sua dívida. Quando alguém refere que sou procuradora federal, mira-me e observa que daria jeito ao Comité de Ação Política ter um bom advogado na equipa.

— Vou lembrar-me disso — gracejo.

Fazemos um pouco mais de conversa de circunstância enquanto esperamos. Ele parece amável, honesto, enérgico, e empenhado. A minha confiança em que isto será uma justa discussão dos problemas dispara.

Rapidamente têm lugar outras apresentações. Conhecemos o repórter local que terá o papel de moderador. Enfiamos microfones debaixo dos casacos, fixamo-los nas lapelas, e prendemos as caixas de transmissão à cintura.

Esperamos nas alas enquanto o anfitrião entra no palco, agradece aos organizadores, recordando depois a todos qual o formato do fórum de hoje, antes de finalmente nos apresentar. A multidão aplaude, e subimos ao palco, acenando com satisfação para a audiência. Todos se comportam bem, embora, dando uma olhadela ao grupo, eu veja alguns rostos que parecem

preocupados, céticos, e de algum modo hostis. Outros olham o senador com o que só poderia ser classificado como adoração do herói.

O meu pai sai-se relativamente bem nas respostas às perguntas simples e a desviar umas quantas inquirições que não podem ser respondidas apenas com um *soundbite*. Não existem soluções fáceis para o problema de custear os anos de reforma que durem muito mais do que nas gerações anteriores ou para o problema das clivagens nas famílias e da mudança cultural em relação a confiar mais em cuidados profissionais do que em tomar conta dos familiares em casa.

Apesar das respostas bem pensadas, percebo que ele hoje não está nos seus melhores dias. É um pouco lento quando um jovem pergunta:

— Gostaria de ouvir a sua resposta à acusação de Carl Fortner de que o objetivo das cadeias de lares possuídas por empresas é armazenar os idosos da maneira mais barata possível de modo a aumentar os lucros, e que a sua reiterada aceitação das contribuições de campanha de L. R. Lawton e dos seus parceiros de investimento indica o seu apoio a este modelo de lucrar com as pessoas. Tem consciência de que nessas instituições os idosos são cuidados por trabalhadores, se realmente existirem, que ganham um salário mínimo, com pouca ou nenhuma formação? O seu opositor pede legislação federal para responsabilizar diretamente quem quer que seja que lucre com a assistência a idosos, ou as empresas de que ela depende, pelos cuidados ali prestados, bem como pelos danos reconhecidos em processos legais. Fortner reclama também impostos sobre pessoas singulares detentores de riqueza, como o senhor, para financiar um aumento de benefícios dos nossos cidadãos idosos mais pobres. Tendo em conta os recentes acontecimentos, apoiaria isto no Senado, e porquê ou porque não?

Quase consigo ouvir Leslie ranger os dentes atrás da cortina. Estas questões não constavam em nenhuma parte do guião, e sem dúvida não estão no memorando que o tipo tem na mão.

O meu pai hesita, parecendo momentaneamente desorientado. Vamos lá, penso eu. O suor escorre-me pelas costas. Sinto os músculos a ficarem tensos, e aperto o braço da cadeira para impedir que o nervosismo se torne visível.

O silêncio é de agonia. Parecem passar minutos, mas sei que não é tanto tempo. O meu pai lança-se por fim numa longa explicação das regras federais existentes sobre lares para idosos e os impostos e fundos federais que pagam a Medicaid. Tem um ar competente e imperturbável. Senhor de si, uma vez mais. Mostra à evidência que não está em posição de alterar sozinho o financiamento da Medicaid, o código dos impostos, e o atual estado da assistência

a idosos, mas que essas questões merecerão a sua maior atenção na próxima sessão do Senado.

O fórum regressa, depois, a um guião mais razoável.

Uma pergunta acaba por me ser feita a mim, e o anfitrião olha-me com indulgência. Dou a resposta prescrita sobre se estou ou não a ser preparada para o lugar do meu pai no Senado. Não digo que sim, e não digo, *Nunca na vida*. Em vez disso, termino com «De qualquer modo, é prematuro sequer pensar nisso... a menos que queira concorrer contra o próprio. E quem seria suficientemente louco para fazer uma coisa dessas?».

A audiência ri e eu termino com a piscadela de olho que herdei do meu pai. Ele está tão contente, parece que tem dois metros quando responde a mais algumas perguntas simples e a discussão chega ao fim. Preparo-me para receber palmadinhas nas costas de Leslie quando sairmos do palco. Em vez disso, agarra-me com uma expressão preocupada e inclina-se para mim quando atravessamos a porta.

— Ligaram do lar de idosos. Aparentemente, perdeste lá uma pulseira?

— O quê? Uma pulseira?

Subitamente, recordo-me de ter posto uma de manhã. Não sinto nada no pulso, e, sim, a pulseira desapareceu.

— Encontraram uma das residentes a usá-la. A diretora deu uma vista de olhos às fotografias que ela tirou com o telefone na visita e determinou que era tua.

A mulher do lar de idosos... a que me agarrou a mão...

Agora recordo as pequeníssimas patas douradas das três libélulas a rasparem-me no pulso quando May Crandall foi levada. Acabou por ficar com a minha joia.

— Ohhhh, já sei o que aconteceu.

— A diretora pediu imensas desculpas. É uma nova paciente e está ainda a adaptar-se. Foi encontrada, há duas semanas, numa casa junto do rio com o cadáver da irmã e uma dúzia de gatos.

— Oh, que horror. — A minha mente voa, e, ainda que não queira, vejo a cena lúgubre e grotesca. — Estou certa de que foi um acidente, isto da pulseira, quero dizer. Ela agarrou-me a mão enquanto estávamos a ouvir o paizinho. A enfermeira quase teve de a descolar.

— Isto não deveria ter acontecido.

— Não faz mal, Leslie. Tudo bem.

— Vou mandar alguém buscá-la.

Recordo os olhos azuis de May Crandall, a forma como olhou para mim

num grande desespero. Imagino-a a ir-se embora com a minha pulseira, examinando-a a sós no quarto, pondo-a em volta do seu pulso, e admirando-a com prazer. Se não fosse uma relíquia de família, deixava-a ficar com ela.

— Sabes que mais? Eu própria volto lá a buscá-la. A pulseira era da minha avó.

O programa do dia determina que, a partir de agora, eu e o meu pai nos separemos. Ele vai passar algum tempo no escritório antes de ir jantar com um dos seus eleitores, enquanto a minha mãe recebe uma reunião da DAR² em Drayden Hill.

— Há alguém que possa levar-me lá? Ou posso levar um dos carros?

Os olhos de Leslie chispam. Temo que a coisa esteja prestes a azedar, pelo que acrescento uma desculpa mais convincente.

— Devo passar lá perto e ir tomar um chá com a avó Judy enquanto ainda tenho um pouco de tempo. Ela vai gostar de ver a pulseira. — O fórum na câmara municipal deixou-me um sentimento de culpa por não visitar a minha avó há quase uma semana.

O queixo de Leslie contrai-se ao anuir, tornando claro que acha o meu capricho tolo inquietantemente pouco profissional.

Não posso fazer nada. Ainda estou a pensar em May Crandall e a recordar a quantidade de histórias de imprensa sobre maus tratos em lares de idosos. Talvez eu queira apenas certificar-me de que May não me procurou porque está com algum tipo de problema.

Talvez a minha curiosidade tenha sido provocada pela sua história triste e macabra. *Foi encontrada há duas semanas numa casa junto do rio com o cadáver da irmã...*

A irmã chamava-se Fern?

² Daughters of the American Revolution, organização feminina fundada em 1890 e formada por mulheres descendentes diretas de pessoas que tomaram parte na luta pela independência dos Estados Unidos. (N. do T.)